



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 3, Edição 6, Ano 2008.

**DE MENINA A MULHER, IMPASSES DA FEMINILIDADE NA CULTURA
CONTEMPORÂNEA**

Silvia Alexim Nunes

<http://www.estadosgerais.org>

Rio de Janeiro - RJ

2008



**DE MENINA A MULHER, IMPASSES DA FEMINILIDADE NA CULTURA
CONTEMPORÂNEA**

*Silvia Alexim Nunes*¹
<http://www.estadosgerais.org>

Resumo

Uma reflexão sobre a influência dos meios de comunicação na construção da subjetividade feminina na atualidade, através da abordagem das transformações da puberdade e seus impasses. Passando por uma crítica ao papel da psicanálise na constituição de uma determinada representação do corpo feminino como marcado pelo signo da imperfeição, representação que parece justificar o anseio pela busca de beleza e perfeição física que inunda a mídia e o cotidiano das mulheres.

Palavras-Chave: adolescência – feminilidade – subjetividade – corpo – mídia

De Menina a Mulher

DE MENINA A MULHER: *tudo que você precisa saber para sobreviver à adolescência e virar uma mulher de sucesso*; com este título Drica Pinotti, estilista especializada em moda jovem publica um livro, uma espécie de auto-ajuda para mocinhas com vistas a auxiliá-las a superar as angústias adolescentes: do mal estar com seus corpos em formação, às suas aspirações amorosas, sexuais e profissionais.

Entre as dicas e os truques que ela pretende compartilhar com suas jovens leitoras para que se tornem como ela mulheres de sucesso, nossa conselheira ensina:

Acontece mais ou menos assim. Quanto mais você cuidar de seus cabelos, mais bonitos eles ficarão. Quanto menos maquiagem você usar e menos sol tomar, menor a probabilidade de ter problemas de pele. Quanto mais o exercício de coordenar roupas e se vestir, bem maiores as chances de se tornar uma mulher de bom gosto... Começar a se preocupar mais cedo com

¹Psicanalista. Doutora em Saúde Coletiva – IMS/UERJ. Membro do Espaço Brasileiro de Estudos psicanalíticos. <http://www.ebep.org.br>.



saúde, beleza, trabalho, dinheiro e comportamento só lhe fará bem e lhe poupará muitas rugas e desgostos no futuro. (PINOTI, 2001, p. 17).

Após esse preâmbulo, seguem-se os capítulos que descrevem passo a passo o caminho para o sucesso. Cuidados com o corpo e a pele, princípios básicos de beleza, maquiagem, cabelos, dieta, como se vestir, etiqueta são os assuntos privilegiados ao longo do livro. A autora se dedica longamente a esses temas.

Propõe que a mulher deve ter no mínimo uma *beleza básica* que inclui: cabelos brilhantes, unhas limpas e bem cuidadas, pele macia e hidratada, corpo depilado e perfumado, pés bem tratados e, por fim, a embalagem: a roupa. Depois de uma rápida passada pelo tema trabalho, com dicas de como fazer seu marketing pessoal e como administrar seu dinheiro, aprendendo a pechinchar e comprar mais barato, chega-se ao capítulo que ensina como se tornar sedutora e conquistar o namorado ideal, seguido de outro sobre sexo com dicas de prevenção de doença e contracepção.

Seguindo todos os conselhos a jovem poderá se tornar o que considera uma mulher de sucesso: segura, sedutora, sentindo que sabe todas as respostas certas, guerreira, batalhadora, pronta para enfrentar e resolver situações difíceis. Ao final dá um pequeno conselho para evitar as adversidades.

Jogo de cintura é fundamental para levar essa fase em harmonia pela vida afora. As mudanças de humor são constantes e devem ser controladas. A pior coisa que pode acontecer a uma mulher é se tornar uma pessoa mal humorada e sem brilho. Assim também vai se tornar infeliz... Seja feliz todos os dias. (PINOTI, 2001, p. 163).

A medida que folheava o livro me lembrava de Clara, uma jovem que aos dezessete anos, apesar de bonita e magra, tornou-se obcecada por conseguir que seu corpo roliço se tornasse esquelético, condição para que se sinta feliz. Clara quer ser uma mulher de sucesso, bonita, rica e desejável, mas percebe seu corpo como um obstáculo. Tentando alcançar seu



ideal desenvolveu uma relação de mortificação com o próprio corpo na qual alterna períodos onde passa fome, com episódios de bulimia, numa relação onde sacrifício e punição são as marcas fundamentais.

Sem nunca ter lido o livro de Drica, Clara supõe, como ela, que sucesso é felicidade e, mais ainda, que ambos dependem, principalmente para as mulheres, da beleza e do cultivo do corpo. A crença compartilhada pelas duas não vem do nada.

O bombardeio diário de imagens nos jornais, revistas e programas de TV, as inúmeras reportagens e propagandas que se dedicam a propalar os cuidados que a mulher deve ter com sua aparência atestam que elas não estão tão erradas assim. Em nossa sociedade do espetáculo, as mulheres parecem precisar estar sempre prontas a entrar em cena.

Mary Del Priori propõe que em nossos dias a identidade do corpo feminino corresponde ao equilíbrio entre a tríade beleza-saúde-juventude. Para a autora, a associação desses três termos, intensificou-se brutalmente nas sociedades ocidentais, consolidando um mercado florescente que comporta indústria, linhas de produtos, jogadas de marketing e espaços na mídia. No início do século XXI as mulheres são empurradas a viverem em função de seus corpos, sofrendo mais do que nunca prescrições, não mais do marido, do padre ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca. Instalou-se uma nova forma de subordinação, só que hoje o algoz não tem rosto, é a mídia.²

A preocupação com o corpo feminino não é, contudo uma novidade, ao contrário ela foi uma estratégia fundamental para a constituição do modelo familiar burguês que caracterizou a modernidade. Pensadas como peças chaves da estratégia de produção e reprodução de uma população saudável as mulheres foram alçadas ao lugar de esposa e mãe, constituindo-se nos agentes familiares de um projeto mais global de higiene social. Nesse contexto o corpo feminino tornou-se objeto privilegiado dos discursos médicos, que o

² Del Priori, M. Corpo a corpo com a mulher. Senac. São Paulo, 2000.



descreveram como um corpo saturado de sexualidade, portador de um excesso ameaçador, que deveria ser regulado minuciosamente. Num processo que Foucault denominou de histerização do corpo feminino, a mãe, com seu negativo que foi a mulher nervosa, aparece como uma das peças chaves da constituição de um biopoder.³

Nesse contexto um sem número de regras de higiene e educacionais foram produzidas inaugurando uma estratégia de controle minucioso sobre o corpo e a sexualidade feminina. Ensinavam-se as jovens a temerem seu corpo sexuado, seus humores sangrentos, incentivando-as a adestrá-lo através de regimes dietéticos e atividades pouco estimulantes. Descrito como um corpo pouco evoluído em relação ao modelo do homem, infantil e primitivo, o corpo feminino foi pensado como hierarquicamente inferior e dotado de um excesso sexual desvirtuador e perigoso.

Asfixiadas entre o ideal ascético embutido na figura da mulher maternal e as ameaças de sucumbirem aos estigmas degenerativos de sua sexualidade, facilmente demonstráveis na figura da prostituta, as mulheres foram ensinadas a se envergonhar de seus corpos tidos como dotados de um excesso sexual ameaçador.⁴

Não é surpreendente, portanto que a psicanálise tenha se constituído a partir da experiência das mulheres, já que seu corpo e sua subjetividade tornaram-se sinônimo da imperfeição e fragilidade humana. Como assinala Joel Birman, a condição feminina, a corporeidade impura das figuras da mulher e da histeria tornou a mulher representante privilegiada do signo de nossa imperfeição e finitude, indicando nossa marca de mortalidade. As convulsões históricas, indicadoras da incapacidade humana de obter um controle direto e firme do corpo pelo psiquismo e pelo entendimento, denunciavam o poder relativo de nossa

³ Foucault, M. História da sexualidade I. A vontade de saber. Graal. Rio de Janeiro, 1977.

⁴ Nunes, S.A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha, um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2000.



vontade.⁵

Essa tradição marcou profundamente o pensamento de Freud que formulou sua teoria da sexualidade feminina, a partir de uma concepção da diferença sexual referida à anatomia dos órgãos genitais, à presença ou ausência do pênis, fundando-a na suposição da existência de uma masculinidade primária que deve ser abandonada, constituindo-se, portanto, num excesso. Masculinidade essa cuja marca corporal seria o clitóris, objeto privilegiado do investimento libidinal feminino, do qual a mulher deveria abrir mão em nome da verdadeira feminilidade. Em sua elaboração do complexo de castração feminino, Freud pressupõe que essa experiência coloca a menina diante de um sentimento de insuficiência. A partir da comparação entre o pênis de um menino e seu diminuto clitóris, pênis ao qual Freud atribui um estatuto hierarquicamente superior, a menina experimentará uma intensa desvalorização, tornando-se eternamente invejosa desse atributo masculino.⁶

Em suas articulações Freud pensa, portanto o tornar-se mulher como uma experiência marcada por um sentimento de inferioridade que será determinante no seu processo de subjetivação. Enunciando numa linguagem libidinal os mesmos valores que a medicina oitocentista propalou com seus argumentos fisicalistas, permanece atribuindo à masculinidade uma superioridade e uma completude que tem como contrapartida a fixação da feminilidade no pólo da imperfeição.

É verdade que a partir dos anos 20 Freud vai descolar suas teses da referência anatômica introduzindo como ordenador da sexualidade humana a figura do falo. No entanto, essa construção é ainda calcada na ordem do masculino e o falo permanece como modelo de perfeição e completude restando para o feminino o pólo da incompletude e da imperfeição. As

⁵ Birman, J. Gramáticas do erotismo, a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2001.

⁶ Freud, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. in: Edição Standard das Obras Completas. Imago. Rio de Janeiro, 1977.



contradições e reticências de Freud para falar das mulheres em sua famosa conferência de 1932⁷ atestam o quanto à introdução da figura do falo não deu conta da questão feminina em sua obra. Marcadas por uma masculinidade excessiva que tem de ser abandonada ou por uma falta que as deixa eternamente inferiorizadas e invejosas, as mulheres teriam dificuldades em ajeitar-se com seus corpos e sua sexualidade sempre problemáticos. Essas teses influenciaram profundamente seus seguidores que ao permanecerem dando ao falo o estatuto de organizador por excelência da sexualidade humana, ajudaram a sustentar as linhas mestras de nossa tradição patriarcal que hierarquizou as relações entre os sexos, e fixou o masculino no topo dessa hierarquia, desenhando o feminino como falta ou excesso, signos de sua imperfeição

Ora, e o que teria isso a ver com Clara, Drica e a enxurrada de imagens e modelos com que a mídia e a indústria da beleza bombardeiam o cotidiano das mulheres? A meu ver, muita coisa.

O que me parece estar na base, e sustentar todo esse discurso, é a antiga concepção do corpo feminino como imperfeito e da feminilidade como lugar da fragilidade e impotência humanas diante de sua finitude.

As mulheres estão sendo cada vez mais levadas a experimentarem seus corpos como inadequados diante das imagens veiculadas, esculpidas em salas de ginástica e de cirurgias, ou retocadas em estúdios fotográficos. Imagens freqüentemente associadas à idéia de corpos livres e liberadas, de quem sabe o que quer, e é dono de seu próprio nariz, corpos que são vendidos como passaporte para o sucesso e a felicidade.

É interessante observar o quanto o corpo feminino vendido como ideal é um corpo facilitado aonde as marcas da feminilidade vão sendo aos poucos apagadas.

De um lado modelos cada vez mais jovens, cujas imagens são exploradas como um fetiche corre o risco de serem deixadas de lado se seus corpos, ao final da adolescência,

⁷ Freud, S. A feminilidade. in: opus.cit.



ganharem formas femininas exuberantes demais para permanecerem como modelos para as comuns mortais. Ao mesmo tempo um belo corpo vai sendo cada vez mais aquele que através de um intenso trabalho físico vai ressaltando músculos, definindo barrigas, braços e pernas, tentando diminuir a camada de gordura, valorizando uma estética de contornos claramente masculinos. Para se sentirem belas as mulheres precisam lutar não só com a balança, mas também com os contornos de seus próprios corpos. Contornos que se delineiam na adolescência, contornos com os quais Clara luta incessantemente.

Desde os quatorze anos, idade em que começou a “botar corpo”, Clara começou a se preocupar com ele transformando-o num problema. As menstruações são um verdadeiro transtorno, sente dores, incha, torna-se irritável, impaciente. A exuberância de suas formas é vivida como um defeito que tenta corrigir através de dietas e ginásticas. Os primeiros episódios de bulimia a trouxeram para a análise e foi assim que a conheci.

Não se trata, como se poderia imaginar, de uma jovem vazia, ou alienada. Ao contrário, extremamente inteligente, curiosa, articulada, aluna brilhante, percebe o peso que a aparência e a imagem têm na cultura contemporânea. E acredita que depende dela para realizar seus sonhos. Seria esse um equívoco?

A tirania exercida pelo ideal estético contemporâneo parece confirmar essa convicção. A publicidade e as inúmeras reportagens que pretendem ensinar às mulheres a cuidarem de seu corpo, mantendo-o jovem e saudável apontam o binômio, saúde – beleza como um caminho seguro para a felicidade individual e o sucesso profissional.

Um corpo que não corresponda a essas prescrições torna-se um corpo persecutório, atestado de fracasso e impotência, que, além de não corresponder a uma imagem idealizada, reflete a impossibilidade do sujeito em controlar seus apetites, suas pulsões, instalando um sofrimento narcísico sem precedentes em consequência de uma exigência real que incide sobre corpos concretos.



Embora se possa constatar que nos dias de hoje a demanda social de uma “boa forma” não incide apenas sobre as mulheres, pois, também os homens são incitados cada vez mais esculpir e cuidar de sua aparência. O que me parece importante frisar é que o que torna para elas essa exigência mais cruel é o fato dos modelos de corpo instituídos como ideais tenderem a apagar, negar e renegar como indesejáveis, aspectos marcantes das formas femininas. Seja na modelagem quase andrógina das modelos pré-adolescentes com seus corpos ainda infantis, seja nos resultados preconizados pelo *body sculpture*, onde músculos definidos e hipertrofiados procuram se aproximar de uma estética masculina de corpos viris. Estamos diante da representação do corpo feminino como um corpo a ser consertado, aperfeiçoado. Celulites, culotes, barrigas proeminentes são alguns dos sinais da imperfeição feminina.

Mas não apenas nas formas as marcas da feminilidade precisam ser apagadas. Os ciclos menstruais com seus sinais corporais e com o sangue que insiste em escorrer são experimentados como um incômodo e um sofrimento desnecessários. Se a tradição judaico-cristã instituiu a idéia que a mulher menstruada encontra-se num estado de impureza, seria de se esperar que com a descoberta de que esse ciclo está na base da produção da vida essa representação da menstruação caísse por terra. No entanto, não só a medicina do século XIX, após descobrir os mecanismos fisiológicos da ovulação, passou a considerar esses ciclos como momentos em que as mulheres estariam mais suscetíveis a desregramentos emocionais tratando esse fenômeno como um sinal da fragilidade do corpo feminino. Como em nossos dias os anúncios de absorventes, através de uma estética *clean*, perpetuam a idéia de que esse sangue deve permanecer oculto, quase invisível. A mulher liberada e independente é aquela que consegue atravessar esses períodos sem nenhum sinal perceptível. Não é à toa que com cada vez mais frequência torna-se desejável e natural, mesmo entre muitos médicos, a possibilidade de suspender a menstruação com a finalidade de minimizar seus desconfortos



físicos e psíquicos.

Não é à toa também que a denominada TPM tornou-se uma queixa constante e objeto de intervenção médica, fato que com certeza é também de interesse da indústria farmacêutica. Duzentos anos depois de a medicina ter dado início a um intenso processo de medicalização do corpo feminino, esse processo parece ampliar-se cada vez mais reforçando a idéia de sua fragilidade e imperfeição inaugurando, através da associação saúde-beleza, uma medicina estética que procura transformar a busca incessante por beleza e perfeição em uma necessidade para a vida feminina. Tornar-se mulher constitui-se agora numa verdadeira cruzada contra os aspectos do corpo feminino que não correspondam às imagens instituídas como ideais.

Com suas teses que associam o feminino à falta e colocam a mulher como eternamente invejosa do falo e desvalorizada diante do masculino, a psicanálise, a meu ver, contribuiu para reforçar o mito da imperfeição feminina.

Nas mulheres, a puberdade, por exemplo, foi descrita por Freud como um momento crucial onde a experiência edípica infantil, que se instala a partir da percepção da ausência do pênis, é revivida com toda a sua intensidade. Nesse sentido as jovens se encontrariam novamente confrontadas com sua castração e o sentimento de menos valia que caracterizaram sua fase fálica. Tornar-se mulher implicando em conformar-se com os destinos que lhe são abertos a partir dessa experiência de insuficiência que só um filho, e principalmente um filho homem, poderia mitigar.

Mas em seu estudo sobre o narcisismo, Freud parece reconhecer a possibilidade de uma vivência positiva da menina em relação às transformações corporais que caracterizam a adolescência. Apesar de pretender nesse momento diferenciar as formas de amor de homens e mulheres, associando a maneira feminina de amar a uma experiência narcísica, à qual dá um caráter claramente depreciativo, ele atribui à transformação pela qual passa o corpo feminino



uma fonte de regozijo e um sentimento compensatório e de auto-suficiência⁸. Sentimento que poderíamos supor estaria na contramão de uma percepção do corpo como desvalorizado. Como argumenta Sarah Kofman nesse momento à mulher se encontraria numa posição de quem não precisa invejar nada, por sentir-se plena⁹.

O que se pode depreender dessas observações de Freud é que as transformações da puberdade abririam para a mulher uma outra possibilidade de relação com o próprio corpo bastante diferente do sentimento de menos valia em que ele tanto insiste. Ao contrário o que parece estar em jogo é uma experiência positiva onde as particularidades do corpo feminino mobilizariam, não um sofrimento, mas uma satisfação narcísica que não necessariamente precisa ser entendida como problemática

Jacques André assinala que as dificuldades da adolescência não têm apenas o mundo interno como origem. Argumenta que a puberdade mobiliza o mundo adulto, pois os sinais da feminilidade nascente têm despertado o interesse libidinal dos homens em todos os tempos e lugares. Para ele o roçar, o tocar os seios, os olhares furtivos ou insistentes, a entrada de surpresa no banheiro, etc., fazem parte da *educação da menina*. Esse jogo complexo de sedução o adulto evidentemente não joga sozinho, pois a adolescente traz também sua contribuição para a erotização das velhas ligações¹⁰.

Nessa perspectiva pode-se pensar a puberdade e a adolescência femininas como um momento de abertura para novas relações, onde o corpo erogeneizado se constitui numa moeda de troca e compartilhamento de experiência com o outro, já que jogos de sedução são movimentos para fora e não para dentro de si mesmo.

A puberdade é sem dúvida um marco na vida feminina, se instituindo a partir de

⁸ Freud, S. Sobre o narcisismo; uma introdução. in: opus.cit. p.105.

⁹ Kofman, S. L'enigma de la femme. Galilée. Paris, 1980.

¹⁰ André, J. Feminilidade adolescente. in: Cardoso, M. R. – Adolescência: reflexões psicanalíticas. Nau/Faperj. Rio de Janeiro, 2001.



mudanças corporais concretas e exuberantes. Reduzi-la a uma reinstalação de conflitos fálico-edípicos ou a um narcisismo auto-centrado, me parece uma negação de toda uma outra dimensão dessa passagem, na qual a explosão da feminilidade se dá de forma tão ruidosa. Feminilidade que pode ser pensada como potência produtiva, com todas as suas dores e prazeres.

As mudanças intensas pelas quais passam as jovens adolescentes, se produzem dúvidas e inseguranças, certamente são também fonte de alegrias e expectativas positivas em relação à entrada no mundo adulto e a possibilidade de vivenciar o corpo como fonte de prazer. Tornar-se mulher pressupõe também a capacidade de experimentar as transformações da puberdade como uma abertura para o novo, como via de acesso à construção de uma identidade própria que passa necessariamente por um reconhecimento das particularidades do corpo de cada uma como aspectos singulares de sua subjetividade.

O torniquete imposto pelos ideais estéticos contemporâneos ao veicularem a crença de que sucesso e felicidade dependem da aquisição de um corpo modelado segundo critérios de beleza culturalmente instituídos, obstruem a riqueza desse momento que corre o risco de ganhar um caráter negativo, sendo a relação com o próprio corpo vivida como uma experiência de mortificação e insuficiência. Observe-se que com frequência os próprios pais, ao compartilhar dessas crenças, tornam-se representantes e agentes dessas exigências, legitimando ainda mais esse sofrimento. Para resolver esse conflito a jovem pode buscar como último recurso encarnar essa imagem massificada e pasteurizada, renunciando a abrir outros caminhos que lhe permitam adquirir uma singularidade própria e independente. Como bem assinala Mary Del Priori¹¹, a história das mulheres passa pela história de seus corpos. Sexo belo ou sexo frágil, tais denominações vinculam-se às imagens que nossa sociedade fez dele, de sua beleza, de sua saúde.

¹¹ Del Priori, M. opus cit. p.14



Se pensarmos que as formas de subjetivação são tributárias dessa história, precisaremos reconhecer a força que os ideais femininos instituídos por nossa cultura contemporânea podem ganhar na construção da subjetividade feminina.

A modernidade, ao procurar fixar a mulher à família e à vida doméstica, instituiu a mãe dedicada e voltada para a satisfação das necessidades do marido e do filho como modelo ideal de feminilidade, inaugurando um processo intenso de disciplinarização de seu corpo. Em nossos dias quando a maternidade não é mais pensada como a única promessa de felicidade para a vida feminina, a busca por um corpo esbelto, jovem e “saudável”, tornou-se uma imposição que abre caminho para novas formas de controle e adestramento do corpo feminino. Nesse contexto, vemos se desenhar um modelo de identidade para a mulher, modelo este, condicionado não por suas conquistas no mundo privado ou público, mas por mecanismos de ajuste obrigatório à tríade beleza-juventude-saúde, que pressupõe um apagamento de seus “excessos” e de sua singularidade.

Se as históricas do século XIX expuseram os conflitos femininos diante da moral familiar burguesa, na aurora do século XXI, as jovens anoréxicas e bulímicas desnudam as contradições às quais estão submetidas em nossos tempos regulados pela mídia, pela imagem e pelo espetáculo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, J. – *Feminilidade adolescente*. in: Cardoso, M. R. – *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Nau/Faperj. Rio de Janeiro, 2001.
- BIRMAN, J. *Gramáticas do erotismo, a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2001.
- DEL PRIORI, M. *Corpo a corpo com a mulher*. Senac. São Paulo, 2000.
- FOUCAULT, M. – *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Graal. Rio de Janeiro, 1977.
- FREUD, S. – *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. in: Edição Standard das Obras Completas. Imago. Rio de Janeiro, 1977.
- KOFMAN, S. – *L'enigma de la femme*. Galilée. Paris, 1980.
- NUNES, S.A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha, um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2000.
- PINOTI, D. – *De menina a mulher, tudo que você precisa saber para sobreviver à adolescência e virar uma mulher de sucesso*. Alegro. São Paulo, 2001. p. 17.